

FUNDAMENTALISMO PROTESTANTE: A INVENÇÃO DE UMA TRADIÇÃO EXCLUSIVISTA NA MODERNIDADE.

CAMPOS, Breno Martins Campos (UPM; PUC-SP)

Introdução

Assistindo às imagens do 11 de setembro de 2001, um sujeito ocidental depara-se com a figura de Osama Bin Laden acompanhada pelo discurso jornalístico a falar sobre as possibilidades de que a queda das torres do *World Trade Center* tenha sido um atentado islâmico fundamentalista. Percorrendo a série de imagens internalizadas que o acompanha sobre o tema e personagem, pode concluir: *eles* são assim mesmo; *eles* sempre foram assim! Quem são *eles*? Os muçulmanos. Muçulmanos são fundamentalistas. Desde quando? Desde que são muçulmanos. Se possível, desde sempre, desde tempos imemoriais.¹

O mesmo ocidental vê a imagem de um escocês em livro ou filme e, depois de consultar a série de imagens que o acompanha sobre o tema, conclui: é mesmo um escocês. Por quê? Porque veste um *kilt*. Os escoceses usam *kilt*. Eles sempre usaram *kilt*.

O que uma coisa tem a ver com a outra? Talvez nada, além de o segundo exemplo servir de explicação teórico-metodológica ao problema levantado pelo primeiro exemplo acerca do fundamentalismo islâmico, que é um dentre os desafios lançados à humanidade pela modernidade. Como a modernidade é produto humano, pode-se pensar que a humanidade lançou desafios a si mesma ao fazer opções modernas, ao abraçar a opção pela autonomia do espírito, ao trilhar os caminhos do criticismo e da razão. Desafios que não se esgotaram no passado, ao contrário, chegam de forma vital à humanidade que abre o século XXI, convidada a fazer novas opções em prol da vida, que corre sérias ameaças de extinção no planeta terra.²

Não se deve fugir de mais uma possibilidade interna à discussão, que não é nova: refletir sobre relações entre religião e modernidade. Refletir também a respeito da origem do fundamentalismo, seu desenvolvimento e atualidade, em dois momentos

¹ "Depois dessa data [11 de setembro de 2001], islamismo e barbárie identificaram-se, e a satanização do bárbaro consolidou-se numa imagem universalmente aceita e inquestionável" (Chauí, 2004, p. 149).

² Uma evidência de que os desafios da modernidade não se esgotaram pode ser percebida no debate conceitual modernidade *versus* pós-modernidade (ou qualquer outro nome que se dê à possível nova fase). Tanto a contemporaneidade deve seu modo de ser à modernidade que o debate se dá a respeito de uma pergunta fundamental: a modernidade acabou ou se instaurou uma nova fase interna a ela mesma e que pode nem ser a última?

ou passos principais. O primeiro: o fundamentalismo é uma criação moderna e localizável no tempo e no espaço; deve ser enxergado num contexto de criações e recriações, ações e reações modernas. Modernidade contemporânea em que até o terrorismo e a guerra são transformados em espetáculo. O segundo: o fundamentalismo é artigo de exportação – e importação, conseqüentemente. Conhecer as origens históricas do fundamentalismo e seu trânsito é dar um passo na direção da percepção de que há fundamentalismos, e não um único. Fundamentalista não é somente o outro.

1 A invenção de um termo-tradição

O título do livro organizado por Eric Hobsbawn e Terence Ranger *A invenção das tradições* resume a ópera. A tese que percorre as contribuições dos autores presentes no livro pode ser assim apresentada:

Muitas vezes, "tradições" que parecem ou são consideradas antigas são bastante recentes, quando não são inventadas. (...)

O termo "tradição inventada" é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as "tradições" realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo – às vezes coisa de poucos anos apenas – e se estabeleceram com enorme rapidez (Hobsbawn, 2002, p. 9).

Dentre as tradições inventadas discutidas na obra segundo a concepção acima, parece unânime que a curiosidade das curiosidades é o caso da vestimenta dos escoceses, o *kilt* como identidade nacional:

Hoje em dia, onde quer que os escoceses se reúnam para celebrar sua identidade nacional, eles a afirmam abertamente através da parafernália nacionalista característica. Usam o saio (*kilt*), feito de um tecido de lã axadrezado (*tartan*) cuja cor e padrão indicam o clã a que pertencem, e quando se entregam ao prazer da música, o instrumento utilizado é a gaita de foles. Tal parafernália, que eles reputam muito antiga, é, na verdade, bem moderna (Trevor-Roper, 2002, p. 25).

Desde que tempo imemorial os escoceses usam seu *kilt* tradicional? Desde que os trajes longos utilizados pelos *highlanders* não serviam mais para a mão de obra necessária às fábricas, em períodos da pós-revolução industrial. A venerável tradição de usar *kilt* nasceu com a intenção ou necessidade de adaptar vestes pessoais à fábrica, retirando trabalhadores dos campos e arrastando-os às cidades. Nada mais moderno do que urbanização, industrialização, secularização e o *kilt*.

Imperativo agora é perguntar a respeito das origens do fundamentalismo, que parece existir desde sempre. O exemplo dois sobre escoceses é marginal, já está

claro, e funciona como modelo interpretativo do primeiro sobre fundamentalismo, que traz ao debate o tema central.

O fundamentalismo também é fruto da modernidade. Anthony Giddens oferece um dado interessante sobre o termo: "Até o final da década de 1950, (...) não havia entrada para a palavra 'fundamentalism' no grande dicionário *Oxford English*. Ela só se tornou de uso comum a partir da década de 1960" (2000, p. 58). O movimento fundador do fundamentalismo na história antecipou a popularização do termo em cerca de meio século. Que se recorde a história do fundamentalismo original:

O movimento fundamentalista remonta à Conferência Bíblica de Niagara, logo sendo elaborados os "cinco pontos" considerados fundamentais (o nascimento virginal de Jesus, sua ressurreição corpórea, a inerrância das Escrituras, a teoria substitucionária da expiação, e a iminente volta de Cristo). A exposição clássica do Fundamentalismo se encontra em dez (*sic*) livros editados por Amzi C. Dixon e Reuben A. Torrey, respectivamente pastor da Igreja Moody e superintendente do instituto bíblico Moody, de Chicago. Os livros, intitulados coletivamente *The Fundamentals* saíram do prelo de 1909 a 1912. O rótulo "fundamentalista" foi cunhado por Curtis Lee Laws, batista, redator do *Watchman-Examiner*, em 1920 (Reily, 1993, p. 305).

A questão em pauta na passagem do século XIX para o XX era a luta da teologia protestante ortodoxa, a defender a inerrância e a infalibilidade da Bíblia, contra a teologia européia, que tinha como pressupostos as conquistas da ciência: darwinismo, religiões comparadas e crítica bíblica.

Considerando os adversários dos fundamentalistas listados acima como herdeiros do Iluminismo,³ considera-se também que o fundamentalismo foi a afirmação da tradição ortodoxa (literalista ou doutrinal) contra a modernidade pós-tradicional. Sobre o tempo (quando) e o espaço (em que meio, o que inclui as pessoas para além da geografia) do surgimento do fundamentalismo, Umberto Eco argumenta:

Essa forma de "literalismo" fundamentalista é antiga. Os Pais da Igreja já conheciam os debates entre os partidários da letra e os partidários de uma hermenêutica mais leve, como Santo Agostinho. Mas, na modernidade, o fundamentalismo estreito só podia virar um fenômeno protestante, porque, para ser fundamentalista, é preciso acreditar que o fundamento da verdade reside na interpretação da Bíblia (2000, p. 15-16).

O fundamentalismo é a invenção de uma tradição tradicional contra a modernidade. Como invenção, ele é fruto da modernidade e, nessa condição, afirma convictamente que "aqueles que não compartilham de seus pontos de vista não são realmente 'verdadeiros cristãos' de maneira nenhuma" (Barr, 1981, p. 1). Ser

³ "Nossa época se desenvolveu sob o impacto da ciência, da tecnologia e do pensamento racional, que tiveram origem na Europa dos séculos XVII e XVIII. A cultura industrial ocidental foi moldada pelo Iluminismo – pelos escritos de pensadores que se opunham à influência da religião e do dogma e desejavam substituí-los por uma abordagem mais racional à vida prática" (Giddens, 2000, p. 13).

fundamentalista é estar aprisionado a uma verdade própria, de que o corolário mais perigoso vem a ser o exclusivismo e a intolerância em suas múltiplas formas de manifestação.

Nada mais moderno, cronologicamente inclusive, do que desencantamento do mundo, retrocesso e avanço das religiões. Nos limites do conjunto da obra de Max Weber,⁴ autêntico desencantador (Pierucci, 2003), o próprio avanço das religiões, o tão propalado retorno ao sagrado, não é reencantamento, ao contrário, deve ser encarado como sintoma do racionalismo moderno e desencantado.

Em sua luta por clareza e boa utilização dos instrumentos à disposição do pesquisador, daquele que é leitor de Weber e faz uso de suas teses, Antônio Flávio Pierucci "finca o pé" (expressão dele) naquilo que é a verdadeira pretensão de Weber ao formular e utilizar o conceito de desencantamento do mundo:

(1) A meu ver é possível, por exemplo, demonstrar que em boa parte dos empregos que Weber faz da expressão terminológica desencantamento do mundo, e são dezessete empregos ao todo, há uma preocupação clara em definir o significado que naquele preciso contexto ele entende dar ao significante;

(2) Proponho prestar atenção a *cada um desses empregos*, perscrutando pacientemente a escrita weberiana para que seja possível, ao final deste longo, tortuoso e às vezes hesitante percurso por entre citações o mais possível literais de seu pensamento, deixar demonstrado que o *sintagma em tela tem apenas dois conteúdos semânticos*, e que esses conteúdos, ademais, são nitidamente demarcados;

(3) Descubro no meio dessa travessia, e demonstro, que os dois significados encontrados *são concomitantes* na biografia de Weber. Eles se acompanham um ao outro sabendo-se entretanto distintos, na medida em que dizem ora o desencantamento do mundo pela religião (sentido "a"), ora o desencantamento do mundo pela ciência (sentido "b") (Pierucci, 2003, p. 42).⁵

Nada mais moderno de que o fundamentalismo, que como outras tradições inventadas não confiou algo à guarda de alguém – o que corresponde ao valor etimológico e histórico da tradição –, mas criou algo a ser transmitido e confiado à guarda de outrem. O fundamentalismo criou a verdade, a ser protegida e defendida pelos seus herdeiros (o mundo inteiro, se somente se dependesse da vontade dos fundadores). O projeto é racional. Globalizar é preciso.

2 A exportação de um termo-tradição

⁴ "Entre estudiosos e estudantes, Max Weber costuma ser lembrado como 'o homem que fez da idéia de desencantamento não meramente um tema importante para pensar a vida moderna, mas talvez o mais essencial aspecto da modernidade'" (Harvey Goldman *apud* Pierucci, 2003, p. 8).

⁵ "Eis, pois, o resumo quantitativo das acepções dadas ao termo por seu autor: das dezessete incidências do significante, em nove ele vem usado para significar 'desmagificação'; em quatro, com o significado de 'perda de sentido'; e nas quatro restantes ele vem com as duas acepções" (Pierucci, 2003, p. 58).

Dada a origem protestante do termo e da tradição fundamentalista, por que os radicais islâmicos são hoje chamados de fundamentalistas, se não são cristãos e nem estão preocupados em defender as doutrinas fundamentais do cristianismo? A resposta vem da história: "A confusão terminológica veio à tona quando o aiatolá Khomeini derrubou o xá [Reza Pahlevi]. Foi em 1979" (Pierucci, 1999, p. 177).

Em nome de Alá e Maomé, a rebelião religiosa derrubou o regime político laico e seu governo e estabeleceu um regime teocrático e totalitário. No Irã, país da revolução religiosa, e depois em outros países islâmicos, os textos do Corão passaram a ser interpretados e utilizados para legitimar o uso e o abuso da força pelos governantes contra opositores, fossem eles países, governos ou pessoas.⁶

Nenhum termo do universo islâmico capaz de nomear aquele acontecimento e suas motivações era suficientemente conhecido no ocidente. Um neologismo ("khomeinismo", por exemplo) poderia até pegar, mas o sentido de urgência muito próprio da mídia exigiu pressa. Em 1979, e ainda hoje, o mundo islâmico era um grande outro cultural desconhecido. A solução? "O jeito foi recorrer às pressas ao baú de ismos das igrejas ocidentais" (Pierucci, 1999, p. 178). Foi assim que o noticiário ocidental, da década de 80 do século passado, passou a chamar de *fundamentalistas* os muçulmanos sectários e fanáticos.

Para Gilles Keppel (1991), nas últimas três décadas do século XX, as religiões do livro ou abraâmicas (islamismo, judaísmo e cristianismo católico romano e protestante) intensificaram suas respostas à modernidade. Tanto os protestantes da passagem do século XIX para o XX como os muçulmanos na década de 70 do século passado, ou os contemporâneos, tentaram dar respostas religiosas aos desafios da modernidade. São respostas modernas. As religiões começaram a tentar recuperar espaços perdidos para o desencantamento moderno, por meio de iniciativas populares ("por baixo") ou institucionalizadas ("pelo alto"): fenômeno histórico-social apelidado de *a revanche de Deus*, nada mais do que outro fruto do racionalismo moderno.

"1977, 1978, 1979, no decorrer de cada um desses três anos, houve mudanças no judaísmo, no cristianismo e no islamismo" (Keppel, 1991, p. 16). No caso judeu, em 1977, os sionistas chegaram ao poder político e proclamaram um retorno ao pacto:

⁶ "Na época anterior, o Irã sob o domínio dos xás não era um paraíso democrático. Governantes corruptos usavam a polícia secreta Savak para suprimir agitações. E havia muito a suprimir, porque o xá Muhammad Reza Pahlevi procurava ocidentalizar o país e os mulás xiitas conservadores apontavam a heresia. Esses homens santos queriam o retorno à severa lei islâmica, e grande parte do povo concordava" (Haught, 2003, p. 183).

Israel é o povo escolhido de Deus, contra o trabalhismo e o humanismo secular. Em 1978, no catolicismo romano, foi eleito papa o cardeal polonês Karol Wojtyła (João Paulo II), cujo longo pontificado abriu espaço para os diferentes *integrismos* católicos (também por falta de outra palavra, fundamentalismos): retorno a conceitos e práticas anteriores ao concílio Vaticano II (o mais moderno dos concílios ecumênicos), contra o racionalismo, comunismo e religiões não católicas. Há ainda o caso do cristianismo protestante dos anos 70, que resgatou nos EUA e posteriormente na América Latina elementos morais e religiosos contra toda forma de racionalismo, socialismo e outras religiões, abrindo espaço para as grandes igrejas de caráter avivalista e para os pregadores eletrônicos e seus impérios de comunicação.⁷

Para recordar, destaca-se que o caso islâmico serve de tipo ou padrão para os outros (cristão e judaico):

A finalidade desses dois processos [reislamizar o indivíduo e o Estado] é idêntica: reislamizar a sociedade nos países muçulmanos e propagar o islamismo por toda parte, até transformar a humanidade em "ummahidade" (Keppel, 1991, p. 62).⁸

Para alcançar a reislamização, o fundamentalismo apresenta-se como ferramenta privilegiada por rejeitar o diálogo e considerar o outro um terreno a ser conquistado por meio do proselitismo.

(...) o fundamentalismo é a tradição travando uma luta feroz contra um mundo cosmopolita e reflexivo que está à procura de razões. É mais do que uma cisão entre as diferentes categorias de crente verdadeiro: é não-participação deliberada na "conversação cosmopolita com a humanidade" de que fala o filósofo Richard Rorty. A recusa ao diálogo – a insistência em afirmar que somente é possível uma visão do mundo e que já se possui essa visão – tem efeito nocivo num mundo que necessita cada vez mais desse diálogo. O fundamentalismo é um conceito que só tem sentido sobre o pano de fundo da modernidade recente – a generalização e a radicalização das instituições modernas.

(...) O fundamentalismo é a tradição que conscientemente se opõe à modernidade, mas que ao mesmo tempo assume feições modernas e não raro se utiliza de tecnologias modernas (Giddens; Pierson, 2000, p. 97).

Karen Armstrong defende que o fundamentalismo nasce da recusa (ou da ultrapassagem), nem sempre positiva, de uma concepção de mundo baseada em *mythos* para a assunção de uma nova baseada em *logos*. O racional como condição

⁷ "No período que estamos focalizando, dá-se uma entrada em cena espetacular do teleevangelismo cada vez mais explicitamente político: Jerry Falwell passa a comandar, na *Maioria Moral*, a campanha para devolver um orgulho nacional de cariz religioso a uma nação combatida e sujeita a 'síndromes' debilitantes de seu auto-apreço" (Assmann, 1986, p. 25). Movimento para afirmar o destino manifesto estadunidense, concepção baseada na teologia do pacto pela qual se entende que Deus escolheu um povo especial na terra para abençoar os outros. Esse conceito nasceu com os ingleses puritanos que saíram da Europa para "fazer a América". Desde então, os habitantes dos EUA acreditam-se portadores de uma mensagem e de uma ética indispensáveis a todas as nações do globo.

⁸ "Cada grupo humano se acredita investido da humanidade com exclusão de todos os outros" (Françoise, 2000, p. 25): assim, humanidade é "ummahidade" (ummah: comunidade islâmica).

para a verdade: fenômeno moderno. "Para quem, como eu, aprecia as liberdades e as conquistas da modernidade, não é fácil entender a angústia que elas causam nos fundamentalistas religiosos" (Armstrong, 2001, p. 16). É assim: não se pode estar na modernidade e não receber o pacote todo. Com as conquistas vêm também os exclusivismos e fanatismos, dentro deles, os fundamentalismos.

O conhecimento da história pode facilitar o entendimento do que seja o fundamentalismo. A tarefa de definição do termo não é fácil. As palavras tocam um problema de classificação.

A necessidade de um conceito claro de fundamentalismo é urgente. Como se constata, nos últimos anos o termo *fundamentalismo* vem sendo prodigamente empregado em situações variadíssimas, tanto no campo religioso como no político. *Fundamentalismo* aparece, às vezes, como sinônimo de conservadorismo, sectarismo e fanatismo; como movimento ou corrente amarrados a modelos culturais religiosos do passado, fechados aos valores do mundo moderno e até mesmo às ciências. Tanto se fala em fundamentalismo que esse termo já está inflacionado. Em geral, carrega uma carga negativa e uma conotação pejorativa. Fundamentalista seria o fanático, o sectário, o intolerante, o conservador, o autoritário, o totalitário... e sempre são os "outros". Por causa disso, até os clássicos representantes desse movimento no protestantismo de hoje preferem o título de *evangélico-conservador* ao de *fundamentalista* (Oro, 1996, p. 23).

Parece unânime que é impropriedade atribuir o termo fundamentalismo a movimentos religiosos que não os protestantes originais (pior ainda, a movimentos políticos, econômicos, sociais). Até porque essa atitude enfraquece o sentido original, que precisa ser preservado em sua força. O que fazer? O uso jornalístico e popular já consagrou vários sentidos para o termo fundamentalismo e nenhum deles pode requerer o estatuto de correção absoluta: todos são verdadeiros.

Dada a legitimidade da utilização ampla do termo-conceito fundamentalismo, resta uma consideração: ele existe e está presente nas mais diferentes religiões (para não falar aqui de política, ideologia, economia). É um fenômeno moderno. Da caça às bruxas,⁹ passando por *The fundamentals*, até chegar à revanche do sagrado e à queda das torres, os fundamentalismos são um fenômeno moderno. As religiões criam gaiolas para si, para oferecer segurança, e querem trazer para dentro delas, se possível, toda a humanidade. Trata-se de oferecer segurança ontológica e social. Sentem-se chamadas para essa tarefa.

Considerações finais

⁹ "[A caça às bruxas] Não é um produto das eras obscuras, mas da era moderna. O *Malleus Maleficarum* surge seis anos antes da descoberta da América; é contemporâneo de Pico della Mirandola, de Marsilio Ficino, do humanismo florentino. A *Démonomanie des sorciers* (Demonomania das bruxas), de Bodin, foi escrita por um homem da Renascença, depois das descobertas de Copérnico!" (Eco, 2000, p. 17).

O que fez a modernidade ao propor o desencantamento do mundo?

De um lado, procurou controlar a religião, deslocando-a do espaço público (que ela ocupara durante toda a Idade Média) para o privado. Nessa tarefa, foi amplamente auxiliada pela Reforma protestante, que combatera a exterioridade e o automatismo dos ritos assim como a presença de mediadores eclesiásticos entre o fiel e Deus, e deslocara a religiosidade para o interior da consciência individual. De outro, porém, tratou a religião como arcaísmo que seria vencido pela marcha da razão ou da ciência, desconsiderando, assim, as necessidades a que ela responde e os simbolismos que ela envolve. Julgou-se que a modernidade era feita de sociedades cuja ordem e coesão dispensavam o sagrado e a religião, e atribuiu-se à ideologia a tarefa de cimentar o social e o político (Chauí, 2004, p. 153).

Recalcada pela modernidade desde seus primórdios e sem nunca ter sido superada, a religião reclamou seu retorno ao cenário histórico num momento em que a própria modernidade já atendia por outro nome, por ser pós-iluminista, em pleno século XX. A questão é que o retorno do recalcado deu-se principalmente pelo viés fundamentalista da religião, o do exclusivismo religioso. Pelo aprisionamento simbólico da verdade em suas fronteiras doutrinárias e teológicas, as religiosidades de traço fundamentalista passaram a desprezar e perseguir o pensamento e a prática divergentes, individual e politicamente.

Por que o retorno religioso ao cenário da história deu-se pelo discurso exclusivista, da rivalidade, do desprezo do outro? Segundo Zygmunt Bauman (1998), em tempos que ele chama de pós-modernos, e que podem ser chamados aqui sem prejuízo de contemporaneidade, a segurança ontológica desapareceu e foi substituída pela ansiedade existencial (liberdades, riscos, incertezas).

O fascínio do fundamentalismo provém de sua promessa de emancipar os convertidos das agonias das escolhas. Aí a pessoa encontra, finalmente, a autoridade indubitavelmente *suprema*, uma autoridade para acabar com todas as outras autoridades. A pessoa sabe para onde olhar quando as decisões da vida devem ser tomadas, nas questões grandes e pequenas, e sabe que, olhando para ali, ela faz a coisa certa, sendo evitado, desse modo, o pavor de correr risco (Bauman, 1998, p. 228).

Fundamentalista não é somente o outro. O fundamentalismo é um tema da modernidade e não toca apenas um grupo específico de protestantes; nem são fundamentalistas somente os islâmicos, como parte da mídia quer fazer o público acreditar. Se o movimento tem origem precisa, no tempo e no espaço, hoje seu sentido extrapolou as fronteiras do protestantismo estadunidense e o mesmo termo serve para designar outros movimentos religiosos e até não religiosos.

É chegada a hora, moderna ela mesma, corolário das lutas pelos direitos humanos, de ensinar a inclusão e a tolerância. Se o fundamentalismo foi inventado e

exportado, pode-se também transmitir e confiar a guarda da tolerância, se possível, a todo mundo no mundo todo. O que não é fácil, pois, se a intolerância é quase natural (por ser universal) e legitima-se na história, a tolerância precisa ainda ser criada e recriada. Paul Ricœur (2000) propõe um caminho de quatro movimentos em direção da tolerância: não impedir a existência do outro; compreender o outro e sua existência; aceitar o direito que o outro tem de viver segundo suas convicções; aceitar que há verdade também lá fora, no outro.

Em três movimentos, Edgar Morin (2005) ensina os mesmos preceitos para o estabelecimento de uma ética não exclusivista para o século XXI: respeitar o direito que o outro tem de se exprimir; optar pela democracia, que se alimenta de opiniões diversas e antagônicas, ao mesmo tempo em que convida ao respeito da opinião divergente no debate; acatar o conceito de que o contrário de uma idéia profunda é outra idéia profunda.

Referências bibliográficas

- ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- ASSMANN, Hugo. *A igreja eletrônica e seu impacto na América Latina: convite a um estudo*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- BARR, James. *Fundamentalism*. 2 ed. Londres: SCM Press, 1981.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Trad. Mauro Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- CHAUI, Marilena. Fundamentalismo religioso: a questão do poder teológico-político. In: NOVAES, Adauto (org.). *Civilização e barbárie*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 149-169.
- ECO, Umberto. Definições léxicas. In: BARRET-DUCROCQ, Françoise (dir.). *A intolerância*. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 15-19.
- FRANÇOISE, Héretier. O eu, o outro e a intolerância. In: BARRET-DUCROCQ, Françoise (dir.). *A intolerância*. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 24-27.
- GIDDENS, Anthony. *Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós*. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- GIDDENS, Anthony; PIERSON, Christopher. *Conversas com Anthony Giddens: o sentido da modernidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.
- HAUGHT, James A. *Perseguições religiosas*. Trad. Bete Torii. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- HOBSBAWN, Eric. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. Trad. Celina Cardim Cavalcante. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 9-23.

KEPPEL, Gilles. *A revanche de Deus: cristãos, judeus e muçulmanos na reconquista do mundo*. São Paulo: Siciliano, 1991.

MORIN, Edgar. *O método 6: ética*. Trad. Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005.

ORO, Ivo Pedro. *O outro é o demônio: uma análise sociológica do fundamentalismo*. São Paulo: Paulus, 1996.

PIERUCCI, Antônio Flávio. *Ciladas da diferença*. São Paulo: Curso de pós-graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo; Editora 34, 1999.

_____. *O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber*. São Paulo: Curso de pós-graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo; Editora 34, 2003.

REILY, Duncan Alexander. *História documental do protestantismo no Brasil*. 2 imp. São Paulo: ASTE, 1993.

RICŒUR, Paul. Etapa atual do pensamento sobre a intolerância. In: BARRET-DUCROCQ, Françoise (dir.). *A intolerância*. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 20-23.

TREVOR-ROPER, Hugh. A invenção das tradições: a tradição nas Terras Altas (Highlands) da Escócia. In: HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. Trad. Celina Cardim Cavalcante. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 25-51.